

PÓS-COLONIALISMO NA AMÉRICA LATINA: UMA RECONSTRUÇÃO A PARTIR DA TRAJETÓRIA DO GRUPO LATINOAMERICANO DE ESTUDOS SUBALTERNOS (GLAES)

ISABELA ASSUNÇÃO DE OLIVEIRA ANDRADE¹; LUCIANA MARIA DE ARAGÃO BALLESTRIN²

¹ Universidade Federal de Pelotas – isabela.aoandrade@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – luballestra@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no projeto de pesquisa intitulado “O Giro Decolonial e a América Latina: contribuições para o debate global sobre as Teorias do Sul”, na área de Ciência Política e Relações Internacionais. Ainda que possua uma abordagem interdisciplinar pelo seu próprio objeto, tal projeto busca extrair elementos para o pensamento de uma Teoria Política a partir da perspectiva pós-colonial, particularmente, latino-americana. A presente pesquisa recortou como objeto específico de análise a reconstituição da trajetória intelectual e institucional do GLAES, inspirado e instrumentalizado a partir do Grupo de Estudos Subalternos Indianos criado no final dos anos 1970 por Ranajit Guha (BALLESTRIN, 2013).

O GLAES é reconhecido como um “um dos empenhos mais influentes nos campos de literatura latino-americana e estudos culturais nos Estados Unidos [...] e também um empreendimento intelectual controverso (VERDESIO, 2005, p.5)”. O Grupo possuía cinco membros no momento de sua fundação, e dentre eles John Beverley e Ileana Rodriguez são tidos como figuras centrais. Junto a outras manifestações paralelas, o GLAES auxiliou na introdução das teorias pós-coloniais no subcontinente latino-americano.

O Manifesto Inaugural redigido em 1993 é considerado o marco do GLAES por oferecer diretrizes e apontamentos acerca da definição e dos objetivos de seu trabalho. Assim, inicialmente considera-se o contexto de sua formação: fim dos regimes autoritários na América Latina, fim do comunismo de facto e nova ordem econômica internacional. O locus de enunciação dos pesquisadores também são explicitados, de modo que, como grupo, eles atuam na academia (seja no Norte ou no Sul global) emergindo dos interstícios disciplinares, mas também transgredindo-o e indo além ao reconceitualizar a relação entre Estado, nação e povo e do subalterno em si (MANIFESTO INAUGURAL, 1993).

A justificativa teórica e social da pesquisa reside no estudo de um campo ainda não muito explorado no Brasil, isto é, a versão latino-americana do pós-colonialismo, cujo desenvolvimento no contexto dos anos 1990 teve no GLAES um de seus impulsionadores. Dessa maneira, o objetivo de adentrar no estudo do GLAES e assim observar o curso do pós-colonialismo desde sua criação, demonstra ser uma experiência enriquecedora e quase que inédita no Brasil. Para tanto, fez-se uso de dados primários e secundários, tais como entrevistas, manifesto inaugural, livros de autoria coletiva, informações disponíveis no âmbito das universidades e departamentos, entre outros.

2. METODOLOGIA

A metodologia para a reconstituição da trajetória do GLAES considerou as seguintes variáveis: membros fundadores e participantes, departamentos e universidades vinculadas, influências teóricas e produção acadêmica coletiva. Partindo destas características e a partir do próprio objetivo do trabalho, isto é, imergir em uma temática donde não há muitas elucubrações a respeito, optou-se por uma metodologia de pesquisa qualitativa de cunho exploratório.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além do referencial inegável aos estudiosos indianos, a origem do termo subalterno nos remete à Gramsci, o primeiro ao utilizar-se de tal nomenclatura com um viés teórico. Dessa maneira, subalterno seria o grupo que se contrapõe às classes dominantes, mas que é politicamente incipiente, encontrando-se a um passo atrás da sociedade civil e política (GRAMSCI, 2000). O GLAES, por sua vez, reforça o conceito de subalterno já trabalhado anteriormente e admite ainda suas múltiplas definições, de forma que notamos que é um significado que se altera em seus pormenores, mas que permanece em sua essência perpassando o tempo e está incluído nas diferentes relações de poder características de determinado contexto, sugerindo que a subalternidade não é uma condição, mas uma identidade.

Falar de uma definição do GLAES que vá além do “Founding Statement” pode acabar não sendo fiel as variadas interpretações que havia internamente. Este talvez possa vir a ter sido um dos motivos para a dissolução do grupo em 1998: não pela simples existência das divergências em si, mas pelo fato delas não produzirem um debate no qual a intencionalidade dos participantes em relação ao grupo, bem como a definição deste pudesse ser equânime a todos, mesmo que minimamente. Contudo, no geral, Ileana Rodriguez aponta que o grupo explicita primeiramente a solidariedade com os pobres – com o adendo necessário de que isto não significa populismo (RODRIGUEZ, 2005) –, e reforça a ideia de que apesar de não ter uma vinculação estritamente marxista, os membros do grupo em sua primeira fase possui tal formação, mas encontram-se ideologicamente “desencantados” com o novo rumo da política e do capital no pós Guerra Fria (Idem). Nota-se em contrapartida que se em relação à definição do que seria o GLAES há pouco de concreto, no concernente ao seu desmantelamento há abordagens e palpites que, apesar de diversos, acabam de alguma maneira se encontrando nas perspectivas dos autores, sejam eles ex-membros ou observadores.

O primeiro entrave e também o mais polêmico e delicado se dá no âmbito teórico que reverbera também em âmbito pessoal. Alberto Moreiras e Gareth Williams filiam-se ao grupo em 1996, e juntos formam a ala desconstrucionista do GLAES que ia contra a abordagem “marxista desencantada” de Rodriguez e Beverley, os “fundadores”. Os desconstrucionistas viam na filosofia o método mais adequado de relacionar-se com o subalterno, enquanto Beverley e Rodriguez preferiam em vez disso o ativismo (VERDESIO, 2005) – o que neste caso parece ser uma estratégia diametralmente oposta.

O retrato acerca do subalterno forma outro descontentamento apontado por Williams e endossado por demais estudiosos. De forma geral, neste aspecto critica-se o essencialismo que ronda a ideia e a representação do subalterno (Idem), como se esta identidade, uma vez carimbada, fosse irreversível. Ximana Sorucco (2005) salienta ainda que esta prática pode acabar por “reproduzir precisamente o que pretendemos desconstruir: hegemonia (Idem, p.231)”. Ainda que possamos relativizar o fato de que um pensamento que emerge dos interstícios possa vir a perpetuar alguma hegemonia e em qualquer sentido, é notável que o sujeito tendo em sua essência e definição a subalternidade, sem qualquer perspectiva para além disso, inviabilizando uma trajetória ascendente, soa injusto e contraditório.

O terceiro apontamento crítico dá continuidade ao que foi exposto acima ao atentar para a maneira como Rodriguez e, principalmente Beverley conduzem os estudos subalternos. Segundo a historiadora Florencia Mallon, há uma tensão entre “o subalterno’ com uma identidade ou presença social e a narrativa moderna de ‘Estado-nação’ (MALLON, 2005, p.159)”. Ela insiste que a história demonstra que

cidadãos marginalizados reconceitualizaram o Estado-nação a partir da base e este fato, ignorado pelos estudos subalternos, salienta que o grupo desloca sua análise da história social (BUSTOS, 2001).

Algo que parece ser consenso, ainda que surja a partir de diferentes interpretações, é o descompasso e a falta de diálogo entre os pesquisadores indianos e latino-americanos. Esse distanciamento é explicitado no questionamento de Verdesio (2005): “Por que os subalternistas sul-asiáticos ignoraram, em geral, olímpicamente seus pares latino-americanos? (Idem, p. 7)”. Para Ileana, os estudiosos indianos serviram como inspiração e o termo subalterno convergia com os ideais políticos do grupo, bem como o contexto pós-guerra fria que ele emergia. Ela aponta com ressentimento que os indianos consideravam o trabalho deles como algo local, sem pretensão universal, e “diferente”, o que justifica, embora somente em parte, a indiferença para com os estudos latino-americanos, apesar da insistência do GLAES de promover uma aproximação (RODRIGUEZ, 2005).

Para além do âmbito teórico, há também algumas considerações que representaram empecilhos para a continuidade do grupo, advindos de fatores internos e externos. Tem-se como exemplo do primeiro caso a estrutura burocrática do GLAES, uma vez que as intenções do grupo devem estar de certa forma refletidas em sua estrutura e houve uma considerável desatenção em relação a isso. Rodriguez (2005) sugere inclusive que o formato de coletivo já era algo ultrapassado e caso houvesse sido concebido um projeto mais robusto, algo como a compatibilidade das agendas de pesquisa entre os membros, o grupo estaria em atividade até os dias de hoje (RODRIGUEZ, 2005). Seria a heterogeneidade do grupo, que vai desde a localidade dos membros até seus desencontros teóricos a responsável pela sua ruptura? Podemos além disso questionar o fato de aparentemente não haver uma liderança explicitada e institucionalizada, considerando que as estratificações e hierarquias presentes nas relações do subalterno é replicável em diversos ambientes e de formas variadas, inclusive no GLAES (RODRIGUEZ, 2005).

O fator externo é aquele que pode ser agregador e, simultaneamente, desagregador, ou seja, a globalização. Tendo este contexto em mente, podemos refletir acerca de algumas dúvidas em relação à incerteza que a globalização traz, que poderiam ter ocorrido e influenciado no momento de formação e atuação do grupo, orbitando ao redor de qual dever ser o *modus operandi* de um grupo de estudos no pós-guerra fria, em qual base teórica assentar-se, como explorar a subalternidade e como colocar-se diante desse assunto.

4. CONCLUSÕES

Definir-se a partir da “solidariedade com pobre”, como mencionado por Rodriguez (2005), é algo muito amplo que, partindo de uma coletividade heterogênea, pode não sustentar-se por si só como uma ideologia ou aspiração. Para além disso, não há solidariedade ao estabelecer a subalternidade como uma identidade imutável. Daí os apontamentos que relacionam a definição do subalterno com fetiche intelectual (RABASA, 2005), afinal, se o sujeito é subalterno e assim sempre o será, as teorizações acerca dele não findariam. Este comportamento antitético quando comparado ao propósito e ao contexto do GLAES abre brechas para outros entendimentos do que poderia ser o subalterno para alguns pesquisadores: um mero objeto de estudos, destituído de humanidade, demonstrando que a forma como é abordado choca-se com a proposta de transgressão do grupo. Esta visão estática acaba por corroborar com as afirmações

de que os esforços de parte do GLAES traduzem-se em uma versão fetichista a respeito do subalterno.

Não se trata de rechaçar o papel do intelectual, mas em problematizá-lo no sentido de que se não houver cautela, o subalterno pode ser transformado em um mero objeto de estudos, sendo relegado ainda mais à marginalidade, como já proferido por Spivak em “Pode o subalterno falar?” (2010). Há muitas atuações de teóricos que privilegiam o testemunho como forma de abster-se e assim garantir o espaço do subalterno. Todavia, ainda não se refletiu acerca de uma maneira na qual o intelectual e o subalterno possam relacionar-se mutuamente no âmbito teórico, onde o primeiro não se distancie totalmente e o segundo não seja calado, mas empoderado.

De maneira geral, intencionou-se mapear modestamente a trajetória do GLAES. Observa-se que tal exercício desnuda não somente sua atuação, mas também revela parte do movimento pós-colonial, donde assenta-se a base teórica do grupo. Em decorrência das grandes divergências e da atuação conturbada como coletivo e majoritariamente pelo contexto político que adentra às academias e instituições de conhecimento, há pouca informação a respeito do grupo. A pesquisa referente a este objeto, que de fato é um projeto irreverente e instigante, demonstrou ser extremamente elucidativa como forma de imergir não somente nele, mas na teoria pós-colonial de maneira geral.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial In **Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília**, n.11, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso> Acesso em 14/04/2014.
- BUSTOS, Guillermo. Enfoque subalterno e historia latinoamericana: nación, subalternidad y escritura de la historia em el debate Mallon-Beverley In WALSH, Catherine (ed) **Estudios Culturales Latinoamericanos – retos desde y sobre la región andina**, Abya Yala, 2006, p.215-242.
- GRAMSCI, Antonio; FORGACS, David (ed). **The Gramsci Reader – Selected Writings 1916-1935**, New York University Press, 2000, 441p.
- MALLON, Florencia. Subalterns and the Nation In **Dispositio/n 52 American Journal of Cultural Histories and Theories: Latin American Subaltern Studis Revisited**, vol. XXV, nº 52, 2005, p.159-178.
- MANIFESTO INAUGURAL In CASTRO-GOMÉZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (ed.) **Teoria sin disciplina. Latinoamericanismo, postcolonialidad, y globalización em debate**, University of San Diego, 1998, p. 85-99.
- RABASA, José. Colonial/Postcolonial In **Dispositio/n 52 American Journal of Cultural Histories and Theories: Latin American Subaltern Studis Revisited**, vol. XXV, nº 52, 2005, p.81-94
- RODRIGUEZ, Ileana. Is There a Need for Subaltern Studies? In **Dispositio/n 52 American Journal of Cultural Histories and Theories: Latin American Subaltern Studis Revisited**, vol. XXV, nº 52, 2005, p. 43-62.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- VERDESIO, Gustavo. Introduction. Latin American Subaltern Studies Revisited: Is There Life After the Demise of the Group? In **Dispositio/n 52 American Journal of Cultural Histories and Theories: Latin American Subaltern Studis Revisited**, vol. XXV, nº 52, 2005, p.5-42.